

Chegamos ao ano novo batendo nossos martelos e balançando nossas foices | Carta semanal 52 (2021)



P.S. Jalaja (Índia), Nós certamente podemos mudar o mundo, 2021

Queridos amigos e amigas,

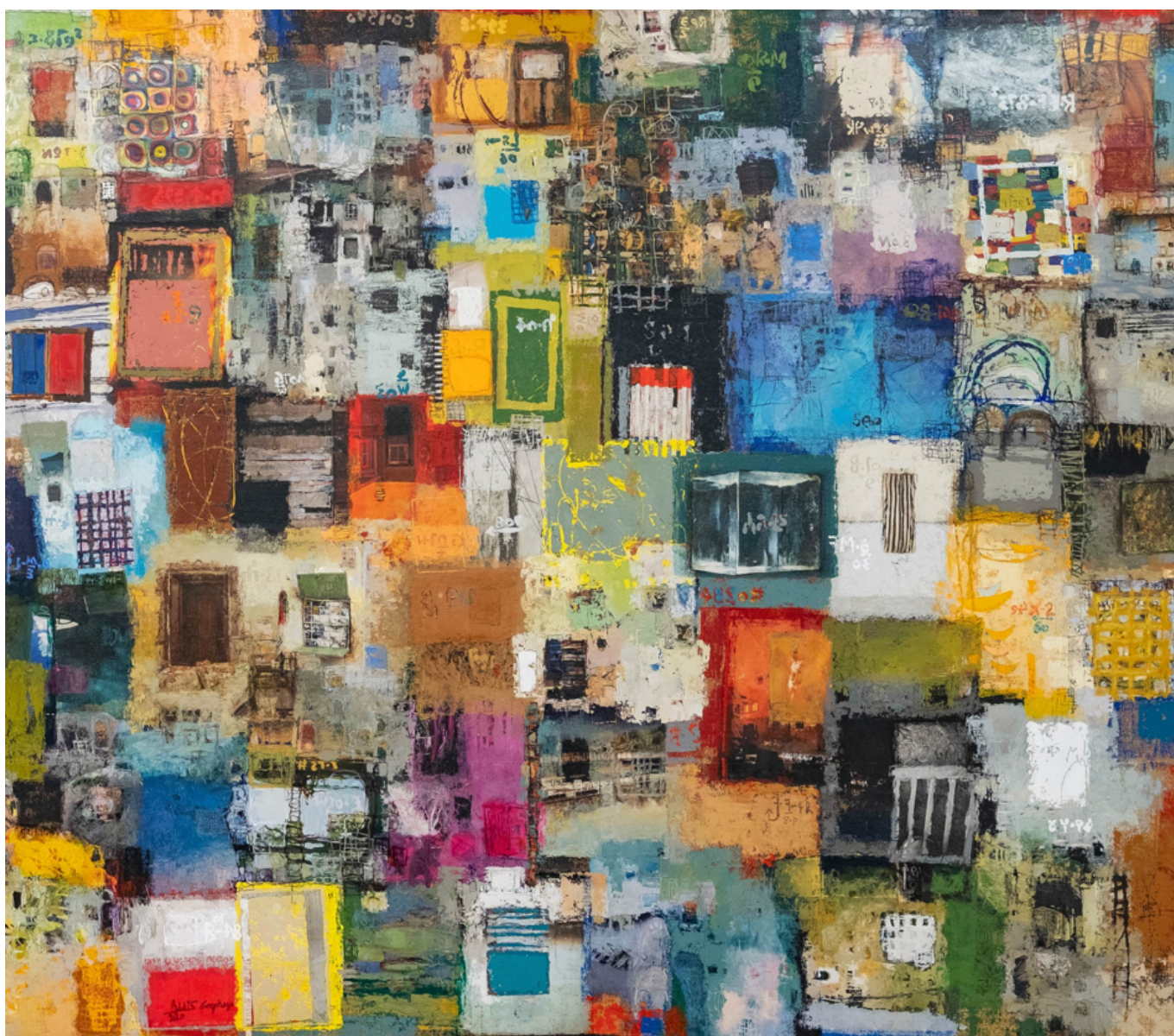
Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Agri doce é a passagem deste ano. Houve algumas vitórias imensas e algumas derrotas catastróficas, a mais

terrível sendo o fracasso dos países do Norte Global em adotar uma atitude democrática para enfrentar a pandemia de Covid-19 e criar acesso equitativo a recursos essenciais, de equipamentos médicos salvadores a vacinas. Tragicamente, ao final desta pandemia, teremos aprendido o alfabeto grego das **variantes** nomeadas após suas letras (delta, omicron), que continuam a surgir.

Cuba lidera a lista das maiores taxas de vacinação do mundo, usando seus **imunizantes nacionais** para proteger sua população e também a de outros países – da Venezuela ao Vietnã –, dando continuidade a uma longa história de solidariedade na área da saúde. Os países com as **menores taxas de vacinação** – atualmente liderados por Burundi, República Democrática do Congo, Haiti, Sudão do Sul, Chade e Iêmen – estão entre os mais pobres do mundo, dependem de ajuda externa, pois seus recursos são essencialmente roubados, ao serem adquiridos a preços absurdamente baixos por empresas multinacionais. Com apenas 0,04% dos 12 milhões de habitantes do Burundi vacinados até 15 de dezembro de 2021, se seguir com essa **taxa atual** de vacinação, o país alcançaria apenas 70% de cobertura em janeiro de 2111.

Em maio de 2021, Tedros Adhanom Ghebreyesus, chefe da Organização Mundial da Saúde, disse que “o mundo está em um **apartheid vacinal**”. Poucas coisas mudaram desde então. No final de novembro, a co-diretora de entrega de vacinas da União Africana, **Ayoade Alakija, disse** sobre o surgimento da ômicron na África Austral: “o que está acontecendo agora é inevitável. É o resultado do fracasso mundial em vacinar de maneira equitativa, urgente e rápida. É o resultado da acumulação [de vacinas] por países de alta renda em todo o mundo e, francamente, é inaceitável”. Em meados de dezembro, Ghebreyesus nomeou Alakija como Enviada Especial da OMS para o Acelerador de Acesso a Ferramentas para a Covid-19. Sua tarefa não é fácil, e seu objetivo só será alcançado se, como **ela disse**, “uma vida em Mumbai importar tanto quanto em Bruxelas, se uma vida em São Paulo for tão importante quanto uma vida em Genebra, e se uma vida em Harare for tão importante quanto em Washington DC”.

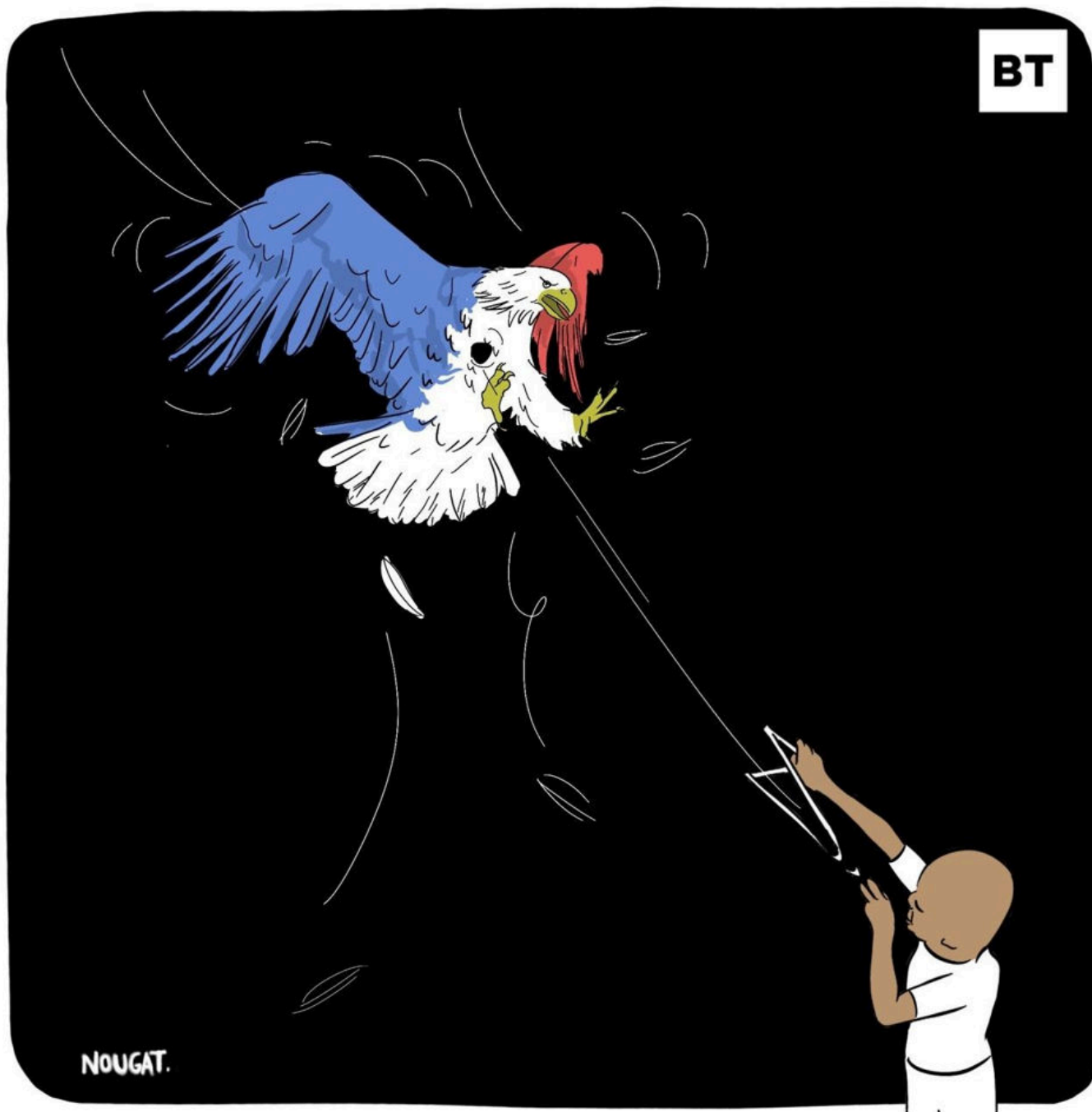


Addis Gezehagn (Etiópia), *Cidade flutuante XVIII*, 2020.

O apartheid vacinal é parte de um problema mais amplo, o apartheid sanitário, um dos **quatro apartheids** de nosso tempo, os outros sendo o alimentar, o financeiro e o educacional. Um **novo relatório** da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) afirma que a população de pessoas subnutridas na África aumentou em 89,1 milhões desde 2014, chegando a 281,6 milhões em 2020. Vale a pena considerar a pergunta de Alakija sobre a humanidade, sobre o valor atribuído a diferentes seres humanos: pode uma vida em Harare ser tão valorizada quanto uma vida em Washington? Podemos nós, como povos, superar esses apartheids e resolver os problemas elementares enfrentados pelas pessoas de nosso planeta e acabar com as formas bárbaras com que o atual sistema econômico e político tortura a humanidade e a natureza?

Uma pergunta como essa soa ingênua para aqueles que se esqueceram do que significa acreditar em algo – se não na própria ideia de humanidade, pelo menos na **Carta das Nações Unidas** (1945) e na **Declaração dos**

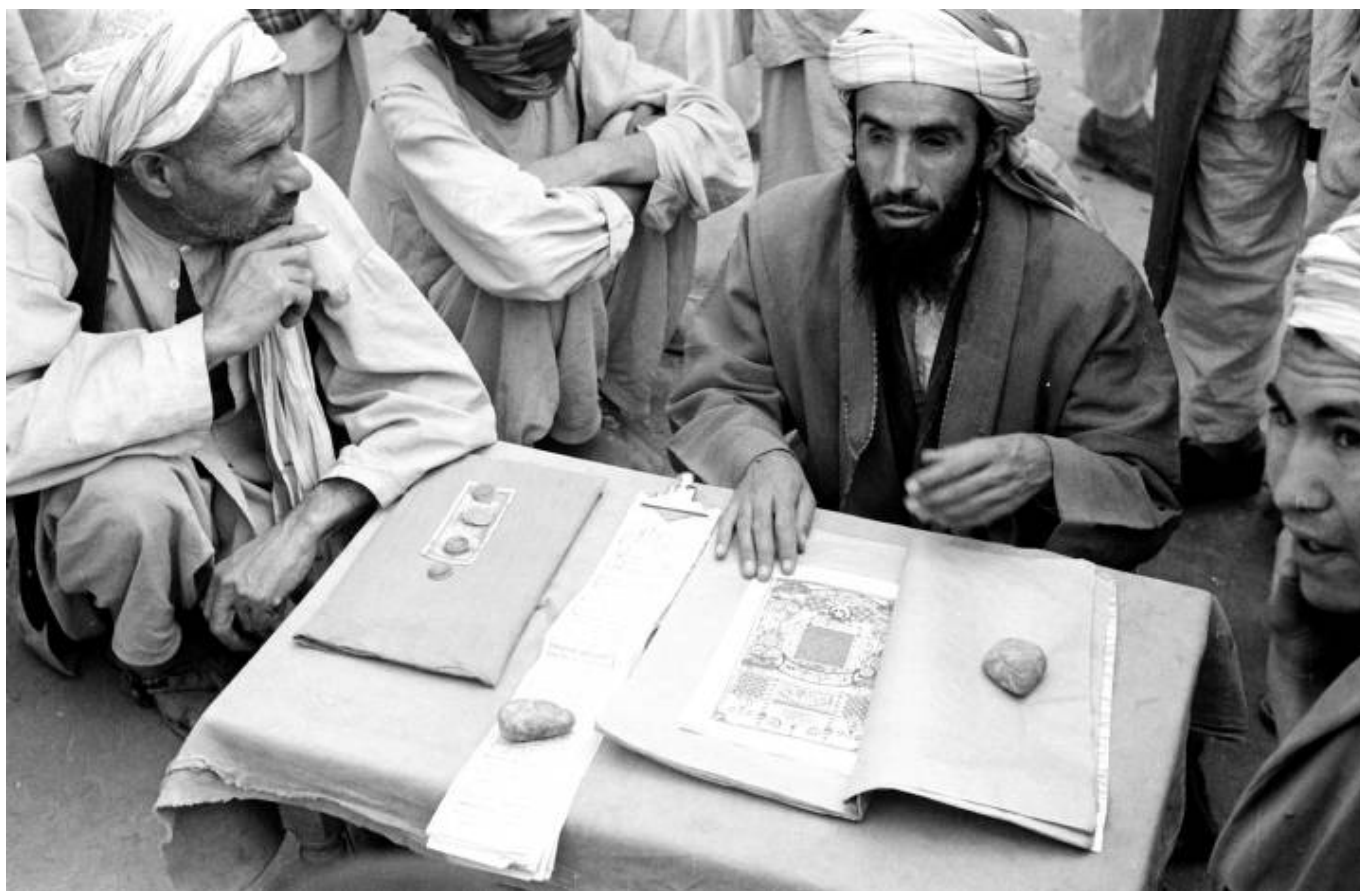
Direitos Humanos das Nações Unidas (1948). A Declaração nos exorta, como povo, a nos comprometermos em defender a “dignidade inerente” uns dos outros, um padrão que entrou em colapso desde que os chefes de governo assinaram o texto final.



Nougat, O sniper de Kaya, 2021, cortesia de BreakThrough News.

Apesar desses apartheids, vale a pena destacar alguns avanços da humanidade:

1. O povo chinês erradicou a pobreza extrema, com **quase 100 milhões de pessoas saindo da miséria absoluta nos últimos oito anos**. Nosso primeiro estudo da série “**Estudos sobre o socialismo em construção**”, intitulada *Servir ao povo: a erradicação da pobreza extrema na China*, detalha como esse feito notável foi alcançado.
2. Os agricultores indianos lutaram bravamente pela revogação de três leis que ameaçavam uberizar suas condições de trabalho e – após um ano de luta – eles venceram. Essa é a vitória trabalhista mais significativa em muitos anos. Nosso dossiê de junho, *A revolta dos agricultores na Índia*, catalogou a luta pela terra na Índia e a militância dos agricultores na última década.
3. Governos de esquerda chegaram ao poder na Bolívia, Chile e Honduras, derrubando uma história de golpes e mudanças de regime nesses países que vão de 1973 (**Chile**) a 2009 (**Honduras**) a 2019 (**Bolívia**). Um ano atrás, nosso dossiê de janeiro, *Crepúsculo*, abordou a erosão do controle dos Estados Unidos sobre os assuntos globais e o surgimento de um mundo multipolar. O fracasso dos Estados Unidos em atingir seus objetivos nesses países e em derrubar a Revolução Cubana e o processo revolucionário venezuelano por meio de **guerras híbridas** é um sinal de grande possibilidade para os povos do hemisfério americano. As tendências mostram que em 2022 Lula deverá derrotar quem for o candidato da direita no Brasil, encerrando a atrocidade do governo de Jair Bolsonaro. Nosso dossiê de maio, *Os desafios da esquerda no Brasil*, é um bom lugar para ler sobre os dilemas políticos no maior país da América Latina.
4. Uma crescente onda de insatisfação no continente africano contra a crescente presença militar dos Estados Unidos e da França encontrou expressão na cidade de Kaya, oeste de Burkina Faso. Quando um comboio militar francês passou perto da cidade em novembro, uma multidão de manifestantes o deteve. Os franceses lançaram um drone de vigilância para monitorar a multidão. Aliou Sawadogo (13 anos) abateu o drone com seu estilingue, “um Burkinabé David contra o Golias francês”, **escreveu Jeune Afrique**. Nosso dossiê de julho, *Defendendo nossa soberania: bases militares dos EUA na África e o futuro da unidade africana*, foi co-publicado com o Movimento Socialista do Grupo de Pesquisa de Gana e acompanha o crescimento da presença militar ocidental no continente.
5. Vimos **greves de trabalhadoras de cuidados** de todos os tipos em todo o mundo, desde profissionais de saúde a trabalhadoras domésticas. Essas trabalhadoras foram duramente atingidas pela crueldade do neoliberalismo e pelo que chamamos de **CoronaChoque**. Mas essas trabalhadoras se recusaram a se acovardar, recusaram-se a perder sua dignidade. Nosso dossiê de março, *Desatando a crise: o trabalho de cuidado em tempos de coronavírus*, fornece um mapa das pressões que pesam sobre esses trabalhadores e abre uma janela para suas lutas.



Harrison Forman (EUA), Afeganistão, homens ao redor de contador de histórias em mercado de Cabul, 1953.

Claro, esta não é uma lista exaustiva. São apenas algumas das referências do progresso. Nem todo avanço é bem definido. Depois de vinte anos, os Estados Unidos foram forçados a finalmente se **retirar do Afeganistão**, pois perderam a guerra para o Taleban. Nenhum dos objetivos dos Estados Unidos para a guerra parece ter sido alcançado e, no entanto, continua a ameaçar de fome este país de quase 39 milhões de habitantes. Os Estados Unidos **impediram** o Afeganistão de acessar seus **9,5 bilhões em reservas externas** que estão em bancos estadunidenses e impediram o governo afegão de assumir seu lugar no sistema da ONU. Como consequência do colapso da ajuda externa, que **representou 43% do PIB do Afeganistão** no ano passado, o Programa de Desenvolvimento da ONU **calcula** que o PIB do país cairá 20% neste ano e 30% nos anos seguintes. Enquanto isso, o relatório da ONU estima que até 2022, a renda per capita do país pode cair para quase metade dos níveis de 2012. Estima-se que **97% da população ficará abaixo da linha da pobreza**, sendo a fome em massa uma possibilidade real neste inverno. Uma vida no Corredor Wakhan não é tão valorizada quanto uma vida em Londres. A “dignidade inerente” do ser humano – como afirma a Declaração das Nações Unidas – não é mantida.

Esse não é apenas um assunto do Afeganistão. O recém-lançado *World Inequality Report 2022* mostra que a metade mais pobre da população mundial possuía apenas 2% da propriedade privada total (negócios e ativos financeiros, depósitos, imóveis), enquanto os 10% mais ricos possuíam 76% do total da propriedade privada. A **desigualdade de gênero** molda esses números, uma vez que **as mulheres recebem** apenas 35% da renda do

trabalho em comparação com os homens que recebiam 65% (uma ligeira melhora em relação aos números de 1990, quando a participação das mulheres era de 31%). Essa desigualdade é outra forma de medir a dignidade diferencial conferida às pessoas de acordo com a classe social e com as hierarquias de gênero e nacionalidade.



Em 1959, o poeta comunista iraniano Siavash Kasra'i escreveu uma de suas elegias, *Arash-e Kamangir* (*Arash, o Arqueiro*). Usando a mitologia popular da antiga batalha travada pelo heróico arqueiro Arash para libertar seu país, Kasra'i retrata as lutas anti-imperialistas de seu tempo. Mas o poema não é apenas sobre lutas, pois

também nos faz pensar sobre as possibilidades:

Eu te disse que a vida é linda.
Dito e não dito, há muito aqui.

O céu claro;

O sol dourado;

Os jardins de flores;

As planícies sem limites;

As flores despontando na neve;

O suave balanço dos peixes dançando no cristal de água;

O cheiro de poeira varrida pela chuva na encosta da montanha;

O sono dos campos de trigo na primavera ao luar;

Para vir, para ir, para correr;

Para Amar;

Para lamentar pela humanidade;

E para se deleitar de braços dados com as alegrias da multidão.

Meus mais calorosos votos de um 2022 revolucionário,

Vijay